

“GARRAFAS AO MAR”: JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Jucá, Vládia Jamile dos Santos; Menezes, Jaileila de Araújo; Colaço, Veriana de Fátima Rodrigues;
Barros, Dejany Nathália de Sousa; Lemos, Rachel Martins

“GARRAFAS AO MAR”: JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Revista Conexão UEPG, vol. 17, núm. 1, 2021

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=514166114081>

DOI: <https://doi.org/10.5212/Rev.Conexao.v.17.19611.81>

“GARRAFAS AO MAR”: JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Vládia Jamile dos Santos Jucá
Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil
vladiajuca@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.5212/Rev.Conexao.v.17.19611.81>
Redalyc: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=514166114081>

Jaileila de Araújo Menezes
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Brasil
jaileila.araujo@gmail.com

Veriana de Fátima Rodrigues Colaço
Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil
verianac@gmail.com

Dejany Nathália de Sousa Barros
Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil
nataliabarros@gmail.com

Rachel Martins Lemos
Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil
rachellemos@alu.ufc.br

Recepción: 22 Septiembre 2021
Aprobación: 17 Noviembre 2021

RESUMO:

Apresentaremos uma experiência de extensão, realizada com estudantes de Psicologia de uma Universidade Federal, durante o período de distanciamento social, imposto como forma de controlar a propagação da COVID-19. O propósito central do projeto denominado “Garrafas ao Mar” foi estimular a produção entre estudantes de manifestações escritas ou audiovisuais em redes sociais sobre a pandemia como modo de cuidado e de enfrentamento ao medo e ao sentimento de desamparo. O projeto foi realizado entre abril e junho de 2020 e contou com a participação de cento e vinte e três alunos do referido curso. O objetivo desse artigo é refletir sobre os temas e os afetos que atravessaram os participantes, diante da crise sanitária e do distanciamento social. Serão destacadas: as saudades das pessoas e do cotidiano e a dificuldade em nomear o mal-estar experimentado em meio a uma crise sanitário-político-econômica.

PALAVRAS-CHAVE: COVID-19, Juventudes, Universidad, Saúde Mental.

ABSTRACT:

This article presents the outreach experience carried out by Psychology students from a Federal University, during the period of social distance to control the spread of COVID-19. The main purpose of the project “Bottles to the Sea” was to stimulate students to produce, for social networks, written or audiovisual material about the pandemic as a way of caring for people as well as coping with fear and the feeling of helplessness. The project was developed between April and June 2020, and one hundred and twenty-three students participated in this initiative. Thus, the purpose of this article is to reflect on the themes and the feelings that the participants went through due to the health crisis and social distance. The following is highlighted: the people's homesickness, their daily life routine and the difficulties faced by them in the context of a health-political-economic crisis.

KEYWORDS: COVID-19, Youth, University, Mental Health.

INTRODUÇÃO

Perante o naufrágio enfrentado pelos nossos países, a cultura tem sido uma espécie de garrafa que vai circulando no mar com a mensagem de que nós existimos.

Mia Couto Pepetela (1999)

A universidade ocupa um lugar significativo na vida dos/das jovens. Apesar de todos os desafios, ela continua sendo referência em suas vidas e teve de se reinventar para manter-se vinculada com eles(as). O projeto que apresentaremos neste artigo compõe a história de luta, resistência e enfrentamentos que a universidade tem vivenciado, principalmente desde os cortes financeiros e ataques político-ideológicos em marcha. Não obstante o fato de a Universidade ter sido bastante problematizada nos últimos tempos em suas associações com o sofrimento psíquico, é fundamental lembrar, em outra vertente, seu potencial em termos de construção de laços e de reconhecimento.

Em meio a este embate, estamos passando por uma crise de saúde pública mundial provocada pela COVID-19, síndrome respiratória causada pelo vírus Sars-Cov-2, o que nos levou a um estado de pandemia, decretado pela Organização Mundial da Saúde em março de 2020. Uma pandemia é compreendida, desde o século XVIII, como uma “epidemia de grandes proporções que se espalha em vários países de mais de um continente” (REZENDE, 1998, p. 154).

A despeito dos critérios biomédicos que caracterizam a parcela da população considerada de risco (idosos(as), portadores(as) de doenças crônicas, de patologias respiratórias preexistentes), em países nos quais a desigualdade social e seus manejos políticos são determinantes no “fazer viver e deixar morrer” (FOUCAULT, 2005), a doença também se apresenta atrelada a recortes de classe, gênero, condições de moradia e de acesso ao saneamento básico. Deste modo, a COVID-19 agudizou questões sociais anteriormente existentes (GOES; RAMOS; FERREIRA, 2020; SANTOS, 2020) e, ademais, o sofrimento psíquico foi potencializado com o distanciamento social, tendo em vista a quebra das rotinas e a intensificação do convívio familiar, o que, para alguns, hipertrofiou conflitos já existentes.

O sofrimento psíquico, questão de extrema relevância para a saúde pública na atualidade, foi intensificado pelo medo e pelo sentimento de desamparo, como é esperado em situações de pandemia, alimentados ainda pelo excesso de informações no contexto atual de midiatização em massa. Nesta direção, é fundamental considerar também os lutos decorrentes de morte pela COVID-19, atravessados em condições atípicas, marcadas pela impossibilidade de realização dos rituais de despedida tradicionais e coletivos.

A COVID-19 encontrou um Brasil imerso em uma crise econômica e política, com impactos no Sistema Único de Saúde e sua Rede de Atenção Psicossocial, voltada para a assistência em saúde mental. Se, em momentos críticos, a desigualdade se reflete no acesso à saúde em geral, no campo da atenção à saúde mental ela se agudiza (ZHANG *et al.*, 2020).

Nas Universidades Federais, a crise econômica levou a cortes nos recursos, com redução das bolsas de pesquisa, de extensão e dos incentivos voltados para a garantia de permanência do corpo discente, em especial oriundo de camadas menos favorecidas economicamente, inclusive as que precisaram sair de suas comunidades de origem para cursar a graduação.

Vale ressaltar, no entanto, a insuficiência da crise econômica para justificar a retirada dos investimentos tanto na área da saúde quanto da educação no país. O Brasil encontra-se em um contexto político marcado pela desconstrução das políticas públicas fundamentais para a redução das desigualdades sociais. Nesta direção, se assistimos ao fenômeno da interiorização das universidades federais e a inclusão de estudantes através da política de cotas — especialmente durante os dois mandatos do presidente Luís Inácio Lula da Silva (2003 a 2011) e o primeiro da presidente Dilma Rousseff (2011 a 2014) — a partir de 2016, com a avalanche causada pelo golpe orquestrado contra a presidenta, observamos o movimento contrário. A mudança no cenário político traz consigo a corrosão do lugar simbólico ocupado pelas universidades públicas,

a desvalorização da pesquisa científica e a mercantilização da educação, que ocorrem concomitante à retirada dos investimentos financeiros na educação pública superior.

Antes mesmo da atual crise, percebia-se o aumento dos casos de sofrimento psíquico nas Instituições de Ensino Superior, fato evidenciado por alguns estudos. Os dados apresentados do Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE) de 2014 apontaram que 58% dos(as) entrevistados alegaram sofrer de ansiedade, tendo 44% declarado desânimo e falta de vontade, 32% insônia e 10% pensamentos suicidas (V Pesquisa Nacional..., 2019). Por sua vez, a Associação Nacional de Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES), em 2018, apontava para uma significativa diferença quando se comparava o adoecimento mental na população em geral e entre estudantes universitários (UFG – Debate reflete sobre saúde mental, 2018). Enquanto na população geral cerca de 12% têm algum tipo de adoecimento, com 2% de casos graves, a juventude universitária apresenta índices de 60% de adoecimento, estando ligados diretamente aos conflitos próprios das expectativas sociais construídas em torno deste segmento etário. Outros estudos apresentam resultados na mesma direção, acrescentando que variáveis como gênero, raça, orientação sexual, condição socioeconômica têm impacto sobre a saúde mental de estudantes (GOMES *et al.*, 2020; GRANER; CERQUEIRA, 2019).

No entanto, a universidade não é apenas lugar de produção ou intensificação do sofrimento psíquico para os/as jovens. O ambiente universitário é múltiplo e de livre circulação, possibilitando encontros diversos, tanto no sentido de promover atividades variadas quanto de favorecer interações entre pessoas de áreas de conhecimentos diversificadas, de experiências e culturas diferentes, o que repercute na valorização desse espaço como contexto de inserção social, de reconhecimento e de pertencimento. Isto é, a vida universitária tem uma dinâmica própria. Seus *campi* são espaços onde transitam atores que estabelecem relações com a instituição de formas distintas, em função de sua categoria de pertencimento, discentes, docentes e servidores/as em geral.

Este panorama marcado por ambiguidades - de um lado, um ambiente de pressão e exigências exacerbadas que levam ao sofrimento psíquico, e de outro, um espaço de liberdade, de ricas interações e de estabelecimento de vínculos afetivos - faz emergir sentimentos e atitudes de aproximação e de afastamento entre as pessoas, especialmente o corpo discente, formado por jovens com diferentes níveis de expectativas em relação ao leque de experiências e oportunidades que a universidade pode lhes proporcionar.

Assim, considerando a importância da Universidade para as juventudes que nela transitam, em especial a sociabilidade construída a partir da vida universitária, propusemos uma ação de extensão em cujo cerne estava a preocupação em reduzir os efeitos do distanciamento social e colaborar para a manutenção das conexões entre alunos/alunas e circulação de afetos, através das redes sociais mediadas por tecnologias digitais. Deste modo, surgiu o projeto “Garrafas ao mar: Trocas de mensagens e experiências como elaboração subjetiva da pandemia de COVID-19”.

O objetivo deste artigo é, ao relatar a experiência do Garrafas, refletir sobre os temas e os afetos que atravessaram os/as estudantes participantes do projeto, nos dois primeiros meses da pandemia (de 15/04/2020 a 16/06/2020), diante da crise sanitária e das políticas de distanciamento social.

A adoção de medidas com finalidade de reduzir a transmissão do vírus SARS-CoV-2 implicou significativa diminuição das interações físicas de modo presencial (AQUINO *et al.*, 2020), o que impactou na convivialidade proporcionada pela universidade, elemento importante na promoção da saúde mental de parcela da juventude brasileira. “Garrafas ao Mar” foi uma metáfora utilizada em alusão a como naufragos isolados tentam se comunicar com uma alteridade, mesmo que incerta. Os naufragos apostam no endereçamento a um outro que, por contingências da vida, poderá recolher a garrafa lançada ao mar e ler a mensagem, reconhecendo, através de um escrito, o apelo de um outro humano/humana?

Abordamos saúde mental a partir de duas referências: a psicanálise e a saúde mental coletiva. A despeito da psicanálise não ter um conceito de saúde mental e, na realidade, questionar o ideal presente em tal conceito, a teoria psicanalítica possibilita-nos entender que o mal-estar constitutivo do humano (FREUD,

2010a [1930]) é agravado em momentos de crise (social, política, econômica e sanitária) e que é importante oportunizar dispositivos de narrativização para que o sofrimento torne-se compartilhável, seja escutado e legitimado (DUNKER, 2015).

No campo da saúde mental coletiva, alinhamo-nos ao entendimento de que o cuidado deve se antecipar ao adoecimento, através das tecnologias leves e da capilarização das formas de bem acolher as demandas endereçadas ao serviço e aos/as profissionais de saúde. As tecnologias leves foram assim conceituadas por Emerson Merhy (1999) em referência às práticas de cuidado não protocoladas, pautadas na relação entre profissionais e usuários/as no campo da saúde. Nas palavras do autor: “momentos de possíveis cumplicidades, nos quais pode haver a produção de uma responsabilização em torno do problema que vai ser enfrentado, ou mesmo de momentos de confiabilidade e esperança, nos quais se produzem relações de vínculo e aceitação” (MERHY, 1999, p.308).

Tendo, portanto, como norte o cuidado em saúde mental através de tecnologias leves, o “Garrafas” visou: (1) estimular a produção entre estudantes de manifestações escritas ou audiovisuais em redes sociais sobre o contexto da COVID-19, como modo de cuidado e de enfrentamento ao medo e ao sentimento de desamparo, intensificados com a disseminação do Sars-Cov-2; (2) manter os/as discentes do curso de Psicologia conectados(as), através dos textos e material audiovisual veiculados e (3) possibilitar, minimamente, um primeiro tempo de elaboração do mal-estar decorrente de uma crise de três faces: a sanitária, a econômica e a política.

Momentos marcados pelo cruzamento de várias crises não serão vividos por todos(as) do mesmo modo, portanto, cada sujeito, de modo singular, irá atravessá-los de acordo com os recursos subjetivos e materiais dos quais dispõe. No entanto, não se pode negar que a pandemia trouxe desafios importantes, em particular, interessante ao presente artigo os efeitos das medidas de distanciamento social para a juventude universitária e as suas possibilidades de enfrentamento. Devemos frisar que o inédito desta experiência de pandemia no Brasil tem o incremento de um clima de insegurança proporcionada por mudanças de comando no Ministério da Saúde, guerra discursiva e imagética entre os campos da ciência e da política, circulação de notícias falsas e fraudes de licitação para aquisição de equipamentos como respiradores.

Importante considerarmos a recolocação da morte na ordem do dia pela pandemia. Apesar da baixa letalidade, por seu rápido poder de disseminação e a inexistência de uma política de enfrentamento do coronavírus pelo governo federal, o número de mortos ultrapassou 100 mil ocorrências. A morte do outro tem o potencial de remeter cada um à sua finitude, não obstante a ausência de registro psíquico da nossa própria morte (FREUD, 2010b [1915]). Assim, com os números que se multiplicam nas manchetes dos jornais e nos boletins epidemiológicos — e, sobretudo, quando a morte atinge pessoas conhecidas — entra em cena a própria finitude e o falecimento de quem se ama. Diante dessa circunstância, além das situações nas quais uma escuta individualizada deve ser ofertada, é importante instituir espaços coletivos, através dos quais seja possível narrativizar o que não será de todo simbolizado, mas ao ser cotejado através de palavras, começa a perder seu caráter ameaçador.

Colocar em palavras e em imagens os afetos — seja nas narrativas de autoria própria ou de outros(as) — são dispositivos para circunscrever o mal-estar oriundo do cruzamento das várias crises nas quais nos encontramos. As crises se, por um lado, provocam o sentimento de que as experiências não podem ser apreendidas totalmente através de uma rede significante, por outro lado, criam a oportunidade para a tessitura de novas narrativas e, portanto, para o posicionamento do sujeito em situações vividas como ameaçadoras.

Criar um espaço para a narrativa neste contexto de pandemia possibilita ao/à estudante significar e nomear suas vivências, pois narrar é um exercício cotidiano intrínseco à nossa existência como seres de linguagem. Mesmo que não tenhamos plena clareza dessa interdependência entre o existir e o narrar, ela constitui o nosso modo de ser e de expressar nossa subjetividade.

Apresentaremos, a seguir, a metodologia do projeto construída por docentes e jovens estudantes do curso de Psicologia. Na sequência, destacaremos os resultados e a discussão, em que refletiremos sobre os temas e os afetos postos em circulação com o lançamento das garrafas ao mar.

METODOLOGIA

O projeto se utilizou de duas redes sociais, o Instagram e correspondências por e-mail, ambas de amplo alcance pelos(as) estudantes, permitindo assim um maior número de participantes. Cada uma dessas redes sociais teve uma dinâmica própria administrada pelos(as) extensionistas e supervisionada pela docente coordenadora. A escolha por utilizar essas duas redes sociais se deve às limitações que se apresentam em ambas, de modo que a conjunção delas potencializou a consecução dos objetivos.

Os e-mails convocavam, sobretudo à escrita, por sua semelhança com o formato das cartas tradicionais e direcionamento a um(a) leitor(a). O Instagram, por sua vez, ao operar com menos texto e mais imagens, propiciou a veiculação de sentenças menores como poemas e expressões outras, com destaque para a fotografia.

Como primeira estratégia, criamos um perfil do projeto no instagram (@garrafasaomar), para começarmos a mobilização e divulgação. Durante o tempo de realização do projeto, de 15/04/2020 a 16/06/2020, esta rede social foi utilizada para a exposição dos conteúdos compartilhados e enviados para nós pelo *direct*, através de postagens, em sua maioria poemas e imagens.

Elaboramos um formulário de inscrição por meio da ferramenta *Formulário Google*, atrelado ao e-mail do projeto, para que estudantes interessados/as em participar das trocas de mensagens pudessem compor o “Sistema de Correspondências por E-mail”. As produções enviadas através do e-mail foram compartilhadas em postagens no Instagram, com a devida autorização do/a autor/a. Um cuidado tomado pelo projeto diz respeito ao anonimato, sendo respeitado o desejo das pessoas que não quiseram ser identificadas.

Para concluir as considerações metodológicas, vale destacar que o “Garrafas ao Mar” foi uma experimentação, no sentido de um aprender fazendo. A situação de excepcionalidade que se apresenta é diversa da que vivemos em outros momentos críticos da saúde pública, como foi o caso do HIV, entre as décadas de 1980 e 1990. A pandemia, dessa vez, ocorreu em uma sociedade conectada através de redes de sociabilidade mediadas por tecnologias digitais, o que, em termos do cuidado psicológico, nos trouxe grandes desafios, inclusive o de pensar outros dispositivos de acolhimento para o mal-estar produzido com a rápida transmissão da COVID-19, suas consequências, e o relevo das desigualdades expostas durante a crise que ainda atravessamos.

Um limite a ser destacado na execução do “Garrafas” diz respeito à dificuldade em alcançarmos os/as estudantes que, em decorrência das desigualdades sociais, apresentam dificuldades de acesso a internet e a equipamentos. Por essa limitação, o projeto teve um público restrito, atingindo 243 seguidores(as), sendo 123 três alunos/as do curso (de um total de 432) e os outros(as) 120 pessoas que se interessaram pelo instagram do “Garrafas”, dentre os quais pesquisadores que trabalham com juventudes em outras universidades no Nordeste. No instagram, realizamos 51 postagens que envolviam poesias, fotografias, músicas, dicas de filmes e documentários. Por e-mail, recebemos 23 cartas que foram distribuídas entre os/as participantes do sistema de correspondências ao longo das 8 semanas de duração do projeto.

Além de receber e postar, o “Garrafas” também produziu suas próprias postagens no instagram, sobretudo para gerar movimento nos momentos de declínio do envio de materiais. A montagem das postagens de nossa autoria envolveu a busca por jovens artistas locais, pessoas que falavam de experiências possíveis de serem aproximadas às mensagens que recebemos dos/das participantes. Destacamos as estratégias de abertura de um espaço para o compartilhamento de músicas e dicas de documentários, através dos *stories* como potentes incentivadoras das trocas entre os/as estudantes. Com relação às músicas, o projeto gerou uma *playlist* no *Spotify* com as canções enviadas¹.

Observamos que o instagram se mostrou efetivo na produção de engajamento narrativo dos/ das jovens universitários/as. Por outro lado, a adesão ao sistema de correspondências foi significativamente menor, o que coloca em questão a relação dos/das jovens com a escrita de textos no formato de cartas, bem como nos fez refletir sobre as redes sociais mais utilizadas pela juventude, sendo o instagram a terceira mais utilizada no Brasil, tendo mais de 69 milhões de contas ativas, apresentando também o maior índice de engajamento (COSTA, 2019).

Organizamos todas as publicações em arquivos, em ordem cronológica, e procedemos a uma análise temática, considerada como uma variante da análise de conteúdo, na qual se procura fundamentalmente os temas emergentes no contexto de uma produção de dados. Há três modos de proceder à análise temática — “codificação para confiabilidade”, “grade de códigos” e “reflexiva”. Dos três modos, a reflexiva é a mais afinada com a produção de saber a partir das estratégias qualitativas e a utilizamos para orientar nosso diálogo com o material co-construído.

Vale destacar que nosso trabalho não se configurou como uma pesquisa *stricto sensu*. Estamos realizando um relato de experiência, no entanto, para fazê-lo é relevante apresentar para onde a concretização da ação de extensão nos conduziu e, por isso, procederemos à análise temática. A partir da leitura dos e-mails e das publicações no Instagram, identificamos os temas que se destacaram, aparecendo em momentos diversos e de maneira articulada ao contexto da pandemia e dos efeitos das políticas de distanciamento social.

Foram 4 os temas em relevo: (1) saudades das pessoas amadas, do cotidiano e dos territórios; (2) desejo de reencontro; (3) medo da morte e a efemeridade da vida; (4) dificuldade de transpor em palavras os afetos. Para fins deste artigo, destacaremos o primeiro e o quarto temas. As saudades constituíram o tema mais recorrente e a “dificuldade de transpor em palavras os afetos” tornou-se uma questão relevante com o avançar da pandemia. Ao realizar um projeto de trocas de mensagens e nomeação/compartilhamento de afetos durante a pandemia, tivemos que nos haver com os intervalos marcados pelo silêncio, os quais percebemos como necessários para a elaboração do mal-estar.

Optamos por apresentar os trechos de narrativas, resguardando o anonimato. Para publicarmos os trechos de cartas e poemas aqui apresentados, obtivemos, através de e-mail, autorização dos/as autores/as.

RESULTADOS: OS TEMAS E OS AFETOS EM CIRCULAÇÃO

— Saudades das pessoas amadas, do cotidiano e dos territórios de circulação

Na primeira semana do projeto, iniciado um mês após a suspensão das aulas na universidade, predominou a saudade dos/das amigos (as), dos amores e do cotidiano, como se percebe através do trecho de poema de autoria do próprio remetente enviado por e-mail:

Que saudades que dá
 Que saudade que bate
 Das minhas futilidades
 Ler no ônibus ouvindo uma bossa
 Que saudade de esperar todo dia
 Pela sexta
 Agora tudo se repete como segunda-feira
 [...]

O impacto inicial desse isolamento desencadeia a memória de um dia a dia que foi perdido e surge, então, a saudade como sentimento predominante para expressar a falta do outro, das rotinas e das circulações cotidianas, elementos de fundamental importância na identidade de cada sujeito.

O modo pelo qual a saudade foi tematizada variou de acordo com cada remetente dos e-mails e das mensagens recebidas por *direct*. Parece-nos, no entanto, ser importante considerar também o fator tempo,

que também aparece no trecho poético supracitado. A duração do isolamento social propiciou, para alguns(algumas), uma experiência de saudade difícil de ser driblada, como percebemos no fragmento de carta:

[...] faz tempo que queria escrever essa carta, porém eu sempre me perco entre os dias. Apesar de esse projeto ter rotina e cronograma, eu perdi a noção de semana. Daí a terça já passou e de repente é sexta - mas não pro resto do mundo, só pra mim.[...] Nessa carta, contudo, queria contar outra coisa. Nos últimos dias, estive terrivelmente inconsolável, de luto pela vida que eu tinha lá fora. e o lá fora, agora, parece ser esse campo-tempo utópico de possibilidades infindáveis que foi tirado de mim. isso e os meus sonhos e os meus planos. Agora, só resta saudade, mas do tipo que pesa e sufoca.

O trecho acima imprime à saudade outro tom, ela desponta como algo que “pesa” e “sufoca”. Na sequência, a autora da carta apresenta uma lista de afazeres que a fazem encontrar alegria, satisfação e prazer, mesmo em um cenário pandêmico. Prazer a ser também compartilhado através do seu escrito. Destacamos, da lista feita, o fato de que as atividades apresentadas – passar muito tempo cozinhando e saborear a comida, fazer artesanato, tomar café olhando pela janela, conversar com as amigas “uma hora todinha” – indicavam uma outra relação com o tempo que a pandemia parecia possibilitar. O tempo dos afazeres artesanais, que estava atropelado pelo cotidiano atarefado e sufocante de outras dimensões da vida na atualidade, pôde, durante a pandemia, ser resgatado. Não obstante essa experiência não seja passível de generalização, consideramos importante destacar a experiência de desaceleração; posto que o seu contrário, a velocidade na qual vivemos imersos têm sido fator de adoecimento, justo por não propiciar o tempo necessário à elaboração das experiências cotidianas (KEHL, 2009).

Também a saudade remeteu a uma “falta boa de ser sentida”, em particular, na narrativa de uma participante, que pediu para publicarmos no instagram do projeto o seu escrito em forma de carta endereçada às amigas. A saudade é também “boa” porque ela atesta o significado das amizades. O trecho a seguir foi recebido na penúltima semana do “Garrafas”:

Amigas, a saudade é enorme. Tínhamos tantos planos né? E os vendavais da vida resolveram tomar outro rumo e cá estamos nós, distantes fisicamente. Nesse período, lembro do sorriso imenso que emiti quando vi vocês pela telinha de uma vídeochamada, foi emocionante. E não é de emoções que se fazem a nossa amizade? Os abraços emocionados da Carol, a voz docinha e suave da Sara, a minha risada cheia de alegria. Nós construímos a nossa amizade baseada em muitas experimentações físicas e simbólicas na universidade, e é uma falta boa de ser sentida. É uma falta que me lembra porque vale a pena lutar, porque vale a pena buscar um futuro onde nosso abraço será um só. Eu amo vocês, e só queria deixar registrado o amor que nos rodeia, que nos tece, que nos enlaça, pois mesmo em tempos difíceis, por amor seguiremos todas de pé!

As lembranças e saudades também foram ilustradas com fotografias de pessoas e lugares que provocavam saudades. Registros que presentificavam o ausente e apontavam para os laços afetivos mantidos e até mesmo reforçados/idealizados pelo distanciamento. Isso não apenas fomentou as saudades, mas colocou em jogo muitos lutos (pessoas, cotidianos, planos para o ano de 2020). E o trabalho do luto, como nos ensinou Freud (2010c), faz com que haja uma hiper investimento no que foi transitoriamente perdido, provocando inclusive idealizações acerca do objeto ausente na realidade.

A saudade também apareceu em uma narrativa tecida entre imagem e texto, material que nos foi enviado por uma pessoa que mandou a foto de um Centro cultural na cidade, no qual circulam jovens durante as noites, em especial, nos finais de semana. A foto veio acompanhada das seguintes palavras:

Enquanto essa viagem estranha não termina, aproveito o ano-domingo que se hospedou em nós para cortar o tubo de tinta no meio e escovar os dentes dos meninos de circo dos nossos corações. Hoje é que eu não entendo mesmo como um lugar existe dentro de outro, ainda que tantos tenham armado barraca em mim. Voltamos pra lá em qualquer uma dessas terças engarrafadas no caminho de um sol-gema-de-ovo se arreando na janela do 77 sem ar-condicionado. Essa [cidade] é metafórica e a gente encontra com ela quando se encontrar. Que saudade de vocês.

O escrito acima, novamente, aponta para a dimensão da temporalidade. O “ano-domingo” é o ano no qual se perdeu o ritmo do cotidiano marcado pelos dias de semana, finais de semana e feriado. Tal experiência de

um domingo que se arrasta não é vivida como prazerosa; o ritmo dos dias diferenciados marcava a existência de um cotidiano perdido para a pandemia.

Novamente, a saudade relatada se refere tanto aos lugares antes frequentados quanto ao percurso diário e aos encontros que o trânsito, realizado nos territórios existenciais, proporciona. Nesta direção, destacamos um fragmento de carta abaixo, no qual aparece a saudade da circulação da própria universidade, território estruturante do cotidiano e da identidade dos/das jovens universitários:

[...] talvez a gente já tenha se esbarrado na cantina [nome] ou passando por debaixo das árvores no bosque [...]. Talvez andando na calçada ali perto do tio que vende livros (às vezes observando atentamente que horas a tia da tapioca vai montar o carrinho). A gente sempre fala que o [nome do campus] é pequeno e que todo mundo já se viu ou vai se ver.

— Dificuldade de transpor em palavras os afetos

As dificuldades em transpor em palavras os afetos que atravessavam cada um/uma durante a pandemia se fizeram presentes, em particular, na terceira semana do projeto, quando o distanciamento social entrou no segundo mês. Um dos participantes do “Sistema de Correspondências” escreveu, em um trecho de carta, aos colegas:

A folha em branco e os espaços entre as minhas lembranças são tudo o que tenho diante de mim. Era o que me tinha ontem. O que havia de antes. Era também um tempo adiante. Possível futuro. Um contorno para a minha dor. A moldura que encontraria os limites das minhas mãos que insistem em tremer perto do papel. De certa forma creio que o tremor também formou as letras. E das minhas mãos gastas, cansadas e descrentes testemunhei nascerem palavras. As mesmas que vi quase embaçadas no céu quando ganharam vôo nesse texto. Essa folha em que escrevo versos e até a letra alerta daquele tempo perdido, daquele grito que acabei de dar, também mostra a falha exausta da peregrinação, de não encontrar as palavras dessa noite. E de, por assim dizer, aos poucos, ser encontrada por elas. O resto foi silêncio, por um tempo, a procura de espaço.

Ao não encontrar significantes através do qual é possível contorná-lo, o mal-estar se apresenta como angústia, esse afeto que, segundo Lacan (2005 [1962-1963]), é o único que não engana. A angústia aparece como sinal quando o sujeito sente que as fronteiras que o diferenciam e o protegem com relação à alteridade estão em risco. Além do risco de adoecimento e de morte que, efetivamente, colocam a finitude de si e dos/das outros(as) com quem se conta, no caso brasileiro, as desigualdades sociais constituintes do país irromperam como fratura exposta durante a pandemia.

Ao não ser devidamente enfrentada pelo governo federal — inclusive, ao ser inicialmente negada — a COVID-19 provocou mortes, sobretudo entre os/as mais desfavorecidos(as) socialmente, propiciando a intensificação do sentimento de desamparo, um importante desencadeador da angústia, pois é o desamparo que nos revela o quanto dependemos da alteridade para nossa sobrevivência física e para a legitimação de nossa existência psíquica.

No escrito acima, se, por um lado, “a folha em branco e os espaços” aparecem como “o que me tinha antes” e o “possível futuro”, portanto, como um vazio no qual o sujeito arrisca submergir, por outro lado, o exercício da escrita faz com que as palavras encontrem aquele/aquela que as procurava, tateando-as com as mãos que “insistem em tremer perto do papel”.

Nesta direção, a escrita em questão desponta como o que Hidalgo (2008) denomina como uma “literatura de urgência”. Em livro que recebe este nome, Hidalgo aborda a experiência de Lima Barreto, no “Diário de um Hospício”, através da qual o autor resiste à experiência de despersonalização imposta pelo manicômio, através da escrita de si que, como afirma Foucault (2017) — autor de referência no texto de Luciana Hidalgo — é um modo de exercer o cuidado de si. Utilizamos aqui o termo “literatura de urgência” para nos referirmos a esse esforço realizado através da escrita para não sucumbir em momentos de crise.

A recorrência à produção artística de um/uma outro (a) (em especial, poemas) intensificou-se a partir desse momento. Uma das participantes escreveu em um e-mail: “Eu li em algum lugar que a arte deveria acalentar

os angustiados e angustiar aqueles que estão calmos demais, então compartilho esse poema na esperança de ter conseguido tocar quem quer que o receba de uma forma ou de outra”.

Com o crescente mal-estar, difícil de ser nomeado e desafiador para a equipe que tocava o projeto, na medida em que se traduzida em silêncio e ausência de material a ser publicado, despontou também o “cansaço”, assim traduzido através do escrito:

Essa carta é um manifestar do cansaço, de quão exaurido estou. Não sei porque te endereço isso, mas o tempo para sonhar está difícil aqui, cara colega de sonhos. [...] Meus olhos estão marejados de cansaço, como se houvesse passado o dia na praia com o sol a cansar a retina dos meus olhos de ver tanta coisa [...] Que os sonhos nos cheguem bem, embalados por águas calmas, que os possamos receber com carinho apesar da tempestade de notícias e realidades duras e ásperas que também recai sobre nós a cada dia. Se eles estiverem também tempestuosos, quisera eu dentro desta garrafa guardar um refúgio do mundo para oferecer a todos uma fina camada de proteção, como um amuleto de oração capaz de transformar tempestade em uma chuva de sereno.

Na mesma semana, além do e-mail de onde tiramos o extrato acima, outros quatro foram enviados. Novamente, a arte foi o canal de expressão privilegiado com palavras carregadas de afeto, ofertadas na forma de poemas e de canções. Uma das letras de canção recebidas foi “Bilhetes”, de autoria de Tiago Iorc e Duca Leindecker, que diz:

Tem dias que parece
Que não vou conseguir
O medo me persegue
Me impede de sentir
Eu só quero amar direito
E ser tudo que eu puder
Seja o que for

A canção veio acompanhada de um bilhete da remetente, onde se lia: “Tem momentos que eu só fico triste por ter parado minha vida, e eu só quero chorar de saudade de tudo. Nessas horas uma das poucas coisas que me acalmam são as pessoas que eu amo. Esperar dói, eu não queria ter que passar por isso”.

Dor psíquica, angústia, medo são experiências que se inscrevem com o avanço da pandemia, o luto do cotidiano, a perda de parentes e de pessoas conhecidas, a intensificação do convívio (e dos conflitos) familiares e as incertezas sobre a retomada das aulas, bem como tempo de conclusão do curso. A dificuldade em encontrar significantes para fazer referência ao que se vivenciou, em uma experiência de pandemia da qual não se tinha registro anterior, foi se tornando clara e nos levou, em várias reuniões de equipe, a refletir sobre a necessidade de suportar o silêncio e, por outro lado, lançar mensagens através do Garrafas, sobretudo seguindo o movimento dos/das participantes de recorrer a arte produzida por outro. Escolhemos jovens artistas da região para provocar identificação e movimento quando percebemos que o risco de certa paralisação provocada pela angústia se colocava. Interessante destacar que, mesmo na semana, na qual nada recebíamos, os/as participantes continuavam ativos(as), gostando das mensagens postadas no instagram do projeto e tecendo comentários.

O segundo mês do projeto correspondeu coincidiu, na Universidade, com o tempo no qual foi definido um calendário de reposição de aulas para o semestre 2020.1. Nesse momento, os/as participantes, apesar de continuarem curtindo e comentando, já não enviavam material. As energias e preocupações se voltaram para como seria o retorno às aulas, através do ensino remoto. O material produzido, em especial através do Instagram, não foi perdido. Demos continuidade ao canal, através de outro projeto de extensão, no qual trabalhamos com juventudes, psicanálise e saúde mental coletiva. O Garrafas segue como parte da nossa história na extensão e na pesquisa com juventudes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do Garrafas ao Mar foi concluída, tendo atingido os objetivos de: estimular a produção entre estudantes de manifestações escritas ou audiovisuais em redes sociais sobre o contexto da COVID-19, como modo de cuidado e de enfrentamento ao medo e ao sentimento de desamparo intensificados com a disseminação do Sars-Cov-2, e manter os/as discentes do curso de Psicologia conectados, através dos textos e material audiovisual veiculados. Ofertamos um espaço primeiro para elaboração do mal-estar decorrente da crise de três faces – a sanitária, a econômica e a política – na qual nos encontramos. Acreditamos ter operado nessa direção, na medida em que possibilitamos aos/ às participantes a nomeação de afetos e a elaboração de associações, endereçando-os a outros, conferindo, assim, legitimidade ao vivido e propiciando reconhecimento na relação entre pares.

Em termos de limitações, a principal foi referente à participação de jovens com dificuldades de acesso a internet. O projeto, em suas primeiras semanas, contou com a participação de muitos(as) jovens e rapidamente a quantidade de seguidores(as) cresceu. Com o passar do tempo e a percepção de que o isolamento demoraria, o envio de material foi diminuindo, não obstante os(as) jovens continuassem curtindo o material postado no Instagram, sendo importante destacar que essa foi a rede mais acessada pelos(as) jovens, em detrimento do e-mail.

A partir da oitava semana de funcionamento, paramos de receber conteúdo tanto para o Instagram quanto para o sistema de correspondências. Decidimos que seria a hora de interromper com a iminência de retomada das aulas remotamente. O tempo de funcionamento, mesmo que breve, aponta para a potência de pensarmos outros projetos mediados por tecnologias digitais no cuidado a jovens universitários (as).

Nesta direção e considerando o que os/as jovens nos ensinaram, o uso das redes sociais com recursos da arte revelam-se como uma ferramenta importante de promoção da saúde mental de jovens universitários(as). Potencializa-se, por essa via, o regime de trocas através das quais os(as) estudantes se identificam por situações vivenciadas conjuntamente, mas se diferenciam através de modos singulares de elaboração e de expressão de ideias e de afetos. Pelo jogo de identificação de diferenciação que se processa entre imagens e palavras, desde que acompanhando em uma perspectiva de acolhimento e mediado através de um princípio ético de respeito pelas diferenças, uma prática de cuidado coletiva se efetiva. Destacamos o acolhimento e o respeito como elementos fundamentais, pois sem eles não contariam com a confiança em nós depositada pelos(as) jovens que participaram do projeto.

REFERÊNCIAS

- COSTA, T. Quais são as redes sociais mais usadas no Brasil em 2019? Blog rockcontent, 20 set. 2019. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em: 4 ago. 2020.
- DUNKER, C. I. L. **Mal-estar, sofrimento e sintoma:** uma psicopatologia do Brasil entre muros. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015.
- FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade:** curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 3: O cuidado de si.** 4. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz & Terra, 2017.
- FREUD, S. **O mal-estar na civilização.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010a, p. 13–123. (Obras completas - O mal-estar na civilização e outros textos (1930-1936), v.18).
- FREUD, S. **O Inconsciente.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010b, p. 99-150. (Obras completas - Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916), v.12).
- FREUD, S. **Luto e Melancolia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010c, p. 170–194. (Obras completas volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916), v.12).

- GOES, E. F.; RAMOS, D. de O.; FERREIRA, A. J. F. Desigualdades raciais em saúde e a pandemia da Covid-19. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 18, n. 3, p. e00278110, 2020.
- GOMES, C. F. M. et al. Transtornos mentais comuns em estudantes universitários. *SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em Português)*, v. 16, n. 1, p. 1–8, 21 fev. 2020.
- GRANER, K. M.; CERQUEIRA, A. T. De A. R. Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 24, n. 4, p. 1327–1346, abr. 2019.
- HIDALGO, L. *Literatura de Urgência: Lima Barreto no Domínio da Loucura*. São Paulo: Annablume, 2008.
- KEHL, M. R. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- MERHY, E. E. O ato de governar as tensões constitutivas do agir em saúde como desafio permanente de algumas estratégias gerenciais. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 4, n. 2, p. 305–314, 1999.
- PEPETELA; COUTO, M. Cultura na África é garrafa do naufrago [entrevista]. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 6 nov. 1999. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0611199907.htm>. Acesso em: 29 jul. 2020.
- REZENDE, J. M. De. Epidemiologia, Endemia, Pandemia. Epidemiologia. *Rev. de Patologia Tropical*, v. 27, n. 1, p. 153–155, 1998.
- SANTOS, J. A. F. Covid-19, causas fundamentais, classe social e território. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 18, n. 3, p. e00280112, 2020.
- UFG. Debate reflete sobre saúde mental. *ANDIFES*, 10 ago. 2018. Disponível em: <https://www.andifes.org.br/?p=58557>. Acesso em: 4 ago. 2020.
- V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES - 2018. Brasília: ANDIFES, 2019. Disponível em: <https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconomico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- ZHANG, J. et al. Recommended psychological crisis intervention response to the 2019 novel coronavirus pneumonia outbreak in China: a model of West China Hospital. *Precision Clinical Medicine*, v. 3, n. 1, p. 3–8, 25 mar. 2020.

NOTAS

- i “Os Sons do Mar”, Disponível em: <https://spoti.fi/38tj0ja>